

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JAKELINE CAVALCANTE BEZERRA
LYLIANE CRISTINE DA SILVA FERREIRA**

**GEOGRAFIAS DA CIDADE DE MACEIÓ REVELADAS EM POEMAS E
CANÇÕES**

**Maceió/AL
2019**

**JAKELINE CAVALCANTE BEZERRA
LYLIANE CRISTINE DA SILVA FERREIRA**

GEOGRAFIAS DA CIDADE DE MACEIÓ REVELADAS EM POEMAS E CANÇÕES

Artigo científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar

**Maceió/AL
2019**

Jakeline Cavalcante Bezerra
Lyliane Cristine da Silva Ferreira

**GEOGRAFIAS DA CIDADE DE MACEIÓ REVELADAS EM
POEMAS E CANÇÕES**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 25/02/2019.

Orientador: Profa Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar

Comissão Examinadora



Profa Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (IGDEMA/UFAL)

GEOGRAFIAS DA CIDADE DE MACEIÓ REVELADAS EM POEMAS E CANÇÕES

Jakeline Cavalcante Bezerra
jcavalcantebezerra@gmail.com

Lyliane Cristine da Silva Ferreira
lyliane.ufal@gmail.com

Edna Telma Fonseca e Silva Vilar
ednatelma@yahoo.com.br

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de curso consiste em um ensaio teórico, ancorado na perspectiva da Geografia Humanista e Cultural e visa estabelecer um diálogo entre Cidade e Arte, recortando-se para esta finalidade a Literatura e a Música. Metodologicamente, realizou-se leituras dessas duas formas de linguagens materializadas em poemas e canções que decantam a cidade de Maceió, recorte espacial aqui delimitado, objetivando discutir uma percepção/representação dessa espacialidade. Para tanto, selecionou-se poemas e canções que abordam aspectos diversos da cidade de Maceió, incluindo-se elementos geográficos, históricos, culturais, do cotidiano, da natureza e da sociedade. Diante desta abordagem do espaço geográfico citadino pelo universo literário, indagamos: *Como a cidade de Maceió aparece decantada em poemas e canções?* A partir desta questão visamos identificar e analisar, geograficamente, as representações da cidade que emergem das composições que constituem o *corpus* analítico deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Literatura. Geografia. Espaço geográfico.

1. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A relação entre cidade, literatura e música é o tema deste TCC construído a partir da seguinte indagação: como a cidade de Maceió aparece decantada em poemas e canções? Com base nesse questionamento visamos identificar e analisar quais representações¹ da cidade de Maceió emergem das composições ora apresentadas nesta pesquisa. Assim, optou-se em ancorar nossas reflexões na perspectiva da Geografia Humanista Cultural, por considerarmos que esta corrente

¹ Representações entendidas não como *ser o mesmo que*, mas que consideram a condição de um estar no lugar não somente na perspectiva de viver o espaço, mas igualmente de perceber e conceber. Nessa perspectiva, via poemas e canções registram-se um pensamento espacial, uma geografia da cidade.

teórica potencializa uma compreensão do objeto de estudo, auxiliando uma leitura mais ampla da socioespacialidade manifesta no espaço da cidade.

Neste sentido, buscamos apreender a cidade estabelecendo um diálogo entre a Geografia, Literatura e Música. Para tanto, corrobora-se Meireles e Portugal (2012) ao indicar a multidimensionalidade de leitura desse espaço, incluindo-se não somente sua dimensão física, mas também humana, com possibilidades de ser percebida

como parte de uma realidade material e, também imaterial, passível de ser alcançada mediante a leitura minuciosa de sua paisagem, através das relações estabelecidas pelos hábitos, gestos, costumes e ideologias de seus habitantes, do visível e do invisível (MEIRELES & PORTUGAL, 2012. p. 20).

O entendimento expresso pelas referidas autoras remete não somente ao que existe na atualidade, mas, igualmente, ao que permanece enquanto memória, história, registro material/documental/monumento. Além disso, destaca a relevância da categoria paisagem como lente de leitura com potencial de se identificar mudanças e permanências, de natureza temporal e cultural, incluindo os costumes.

Nessa perspectiva, entende-se que a análise das representações espaciais da cidade, através das diferentes linguagens artísticas possibilita a apreensão de suas singularidades, muitas vezes invisíveis. Sob esta ótica, “a geografia que emerge dos textos literários extrapola a análise unívoca dos signos arquitetônicos e espaciais, contemplando assim, em seus enredos dilemas urbanos que são humanizados por meio dos sentimentos vividos na cidade” (MEIRELES & PORTUGAL, 2012. p. 21).

Concordamos com Manzoni (2014) que as formas de linguagens criam existências e significados da/para a cidade, além de ampliar sua leitura como experiência sensorial e discursiva, uma vez que, ela mesma constitui “um sistema de diferentes linguagens artísticas” (ARGAN, apud, MEIRELES & PORTUGAL, 2012, p.10). Nessa perspectiva, pondera Argan (*Ibidem.*)

[...] se a cidade nos figura como, materialmente, um conjunto de linguagens (sejam elas reconhecidas como artísticas ou não), a cidade se configura como uma grande rede de discursos, ou antes, de diferentes linguagens, em constante resignificação, a partir da qual o olhar do contemporâneo confere (ou reconhece) sentido e urbanidade.

Neste sentido, adentrar esta dimensão mais subjetiva para apreender as percepções e representações dos lugares, sem desvinculá-las de sua inserção no

espaço e no tempo, torna-se um imperativo de e para leitura geográfica. Desse modo, a pluralidade de discursos referida por Argan pode ser resignificada de modo a possibilitar diferentes leituras do espaço, revelando assim, estruturas sociais e simbólicas necessárias à compreensão da cidade.

Diante da complexidade das cidades contemporâneas, todo avanço tecnológico nas representações gráficas destas, parecem ser insuficientes para captar as suas singularidades. Assim, as fontes artísticas e a literatura se apresentam como um importante meio para o alcance deste objetivo, já que estas diferentes formas de linguagens “permitem não apenas captar a ‘imaginação poética’, mas contribuem especialmente para a percepção do imaginário urbano em sentido amplo, isto é, os complexos processos e as múltiplas sociabilidades que a vida cidadina apresenta”.(Limena, 2001, apud Kitaoka & Zorzo, 2012, p.2)

A literatura é relevante, pois pode nos direcionar a um olhar mais sensível sobre a sociedade e o espaço, permitindo-nos ir além dos aspectos materiais e auxiliando-nos a compreender o lugar em seu tempo histórico e espacial de forma expressiva.

Considerando estes pressupostos, propomo-nos a partir das obras de poetas e compositores que tiveram a cidade de Maceió como fonte de inspiração, apreender representações de geografias da referida cidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica visando localizar trabalhos que já haviam abordado a relação da Geografia com a Arte no contexto da temática cidade ou referente ao urbano, ou mesmo em relação a um escritor específico. Nesse movimento, localizamos uma referência ao/do escritor Lêdo Ivo, reafirmando-se uma geografia literária, conforme os trabalhos de Silva (2007); Santos (2014), dentre outros.

Vale salientar que o citado procedimento deu-se em função não somente de revisão de literatura, mas igualmente para endossar a relevância da temática, sua viabilidade e contribuição teórico-metodológica, mas também pedagógica, uma vez que o lugar acadêmico no qual estamos inseridas é o curso de Pedagogia que forma professores para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, ainda que em várias funções.

As leituras de textos no campo da Geografia Escolar constituíram outra frente de leitura, cujo elemento norteador foi a articulação da Geografia com outras linguagens ou formas de representação e a possibilidade de realizar a leitura do espaço geográfico ou de uma espacialidade específica utilizando as categorias geográficas de paisagem, lugar e território.

Com relação ao procedimento de seleção das composições aqui analisadas, optamos por delimitar em quatro autores, sendo três literatos e o outro compositor/músico. Nessa direção a opção pelo escritor Lêdo Ivo deu-se em função de sua filiação já indicada em trabalhos acadêmicos a uma geografia literária e/ou poética; a de Fernando Fiúza em função da observação de que são as imagens concretas e passíveis de materialização que mais sobressaem em sua obra; e a de Marcos de Farias Costa por sua leitura da cidade focada no território. Quanto a escolha de Eliezer Setton, cantor-compositor em plena atividade na atualidade, justifica-se pela abordagem da cidade de Maceió, muito divulgada por meio da atividade turística e veículos midiáticos, e ainda por veicular aspectos diversos de representações já consolidadas ou não acerca da cidade.

Foram selecionadas para este trabalho escritos de Lêdo Ivo, dois poemas de Fernando Fiúza (*Maceiota e Rio perdido*) e outro de Marcos de Farias Costa (*Maceió*), analisados em seus fragmentos e três canções de Eliezer Setton, a saber: *Ponta de lápis, Ruas de Maceió e Não há quem não morra de amores*.

Nas análises, consideramos que as geografias que emergem dos textos, são passíveis de ser apreendidas não somente por meios das palavras, mas dos significados e imagens que nos permitem construir.

3. NOTAS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS SOBRE A CIDADE DE MACEIÓ

A cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas não se distancia das características do estado, no que se refere aos aspectos hidrográficos. Localizada entre o oceano Atlântico e a Lagoa Mundaú, a cidade de Maceió tem sua origem, inclusive no nome, em função deste vínculo com o mar e lagoas.

Figura 1: Imagem da capital Maceió com destaque para as águas



Fonte: https://viagemsemapuros.files.wordpress.com/2013/12/maceio_maior.jpg

Habitada inicialmente por índios, os quais a batizaram na língua Tupi de “Maçayó” ou “Maçai-o-k”, que significa "o que tapa o alagadiço", foi posteriormente nomeada pelos portugueses, no período colonial, de Maceió. Com muitas áreas de mangue e lagoas, Maceió cresceu sobre esses alagadiços justificando, assim, seu nome de origem.

No período Colonial, sua privilegiada localização hidrográfica, propiciou seu desenvolvimento econômico, via comércio marítimo, que permitiu a exportação de escravos e de produtos advindos das atividades extrativistas. Assim, Maceió galga destaque e eleva-se de povoado a cidade, tendo o porto de Jaraguá importante papel neste processo. Por meio do citado porto o comércio nacional e internacional foi impulsionado, e a cidade ganhou autonomia.

Figura 1: Imagem da capital Maceió com destaque para o Porto de Jaraguá



Fonte: <https://www.portosenavios.com.br/images/180621-porto-de-maceio.jpg>

Em função desta localização litorânea, Maceió é agraciada por um conjunto de belas praias e lagoas, e sob a influência deste vínculo com o mar sua identidade vai sendo formada. Segundo Oliveira (2004, p.150), “a evolução da cidade está inserida no processo de ocupação do sítio, construído frente a condicionantes físico-naturais.” Conforme a autora, estes fatores físicos e históricos são determinantes para a apreensão da paisagem e dos lugares, pois estes propiciam uma melhor compreensão das relações urbanas, sociedade-natureza, na construção da cidade. Estas paisagens fisiográficas foram, para Oliveira, determinantes na fixação da cidade de Maceió e nas suas representações.

Deste modo, os aspectos naturais do sítio de Maceió direcionaram o crescimento da cidade em três direções: do mar, da lagoa e do tabuleiro. Conseqüentemente, a cidade aparece em três planos distintos: a parte baixa, a alta e o interstício das encostas, que cortam toda cidade separando a planície marinho-lagunar da região do tabuleiro.

Sob esta ótica, Oliveira (2004), ressalta que a evolução urbana da cidade, em função de seus aspectos físico-naturais e sociais revela algumas peculiaridades, assim descritas:

Abrigando inicialmente favelas e mocambos, especialmente nas margens da lagoa, nos manguezais, nos cursos d'água e nos seus meandros, bem como nas encostas dos tabuleiros, essas áreas ocupadas foram gradativamente incorporadas ao traçado urbano e paisagístico da cidade através de aterros sucessivos, ampliando a conquista da cidade no espaço antes ocupado pelas águas e nos ambientes de risco. (OLIVEIRA, 2004, p.167)

Estes fatos revelam que o crescimento territorial e populacional da cidade de Maceió imprimiu transformações na paisagem local, confirmando que “a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É resultado de adições e subtrações sucessivas.” (SANTOS, [1988] 2012, p.74) É importante ressaltar também que estas transformações acarreta(ra)m em impactos negativos ao meio ambiente e deu visibilidade a desigualdade e a segregação espacial. Os problemas citados deram-se em função da falta de planejamento urbano, ocasionando o crescimento desordenado da capital, uma vez que “o rápido crescimento da população urbana não foi acompanhado por mais igualdade e inclusão espacial, há um acirramento da clivagem espacial entre ricos e pobres” (CAVALCANTI, 2017, p.2).

De acordo com Costa e Ramos (2004)

as favelas de Maceió localizam-se nas encostas dos vales que cortam o planalto, e em áreas alagadiças às margens da lagoa Mundaú. Convém salientar que as encostas constituem localização privilegiada para os ricos, ao tempo que apresentam alto riscos para os pobres.” (COSTA; RAMOS, 2004, p.198)

Diante destas circunstâncias, determinados espaços são destinados às populações pobres culminando numa exclusão social e espacial. Maceió, assim como outras cidades urbanas não foge a esta problemática. Por esta razão, torna-se necessário, à compreensão do espaço geográfico da cidade, analisá-lo à luz dos determinantes econômicos, políticos, culturais, entre outros. Haja vista que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, [1988] 2012, p.78)

Atualmente, a capital alagoana atrai um número significativo de turistas, sendo conhecida, nacional e internacionalmente, por suas belezas naturais, que lhe

rendeu títulos como “Paraíso das águas” e “Caribe brasileiro”, por suas águas cristalinas de cor azul esmeralda e verde.

Assim como outras cidades brasileiras, Maceió apresenta um processo de expansão urbana, populacional e territorial. As atividades turísticas têm contribuído neste processo que vem imprimindo uma nova organização espacial e social para a cidade. De acordo com Mullins apud Melo, *et all* (2017), “as cidades turísticas despontam como uma nova forma de urbanização”. E esta urbanização turística, segundo Luchiari (2000)

cria novas paisagens, assim como elimina e marginaliza outras, redesenha as formas de apropriação do espaço urbano, gera novos sujeitos sociais, no qual, promove novas paisagens e redefine a vida econômica das cidades, produzindo novas paisagens que sejam atrativas e destinadas para a prática de consumo (LUCHIARI, apud MELO, *et all*, 2017, p.4).

É importante enfatizar que essas mudanças, pelas quais a cidade de Maceió vem passando, em função da modernidade, tem simultaneamente promovido o desenvolvimento e avanços em algumas áreas, mas também as desigualdades e injustiças sociais, e prejuízos ambientais. Essa modernização transformou a paisagem natural com consequências sentidas até hoje.

Por ocasião das comemorações dos 200 anos de Alagoas com um olhar voltado para Maceió, alertou-nos Apratto apud Sanches & Farias (2015, s.p.) em relação a um problema socioespacial que se apresenta como desafio à gestão da capital alagoana, afirmando que:

Foi criada uma cortina de exclusão e que se arrastou por longos anos. Hoje, Maceió tem mais de 1 milhão de habitantes e prefeitura e governo do estado não conseguem absorver a demanda da capital. Até hoje, não temos um sistema de esgoto eficiente. É preciso que se invista em educação, para que a população mais carente tenha condições de mudar de vida.

4. GEOGRAFIAS DA CIDADE DE MACEÍO APREENDIDAS EM POEMAS E CANÇÕES

Destacamos, inicialmente que o conceito de base pelo qual nos guiamos para fins de análise do corpus empírico selecionado foi o de representação entendida como o processo de apreensão do real com possibilidade de ser partilhada, mas também problematizada. Representação que sob a perspectiva geográfica está relacionada às diversas linguagens, incluindo-se a verbal, imagética, cartográfica.

Vale salientar que nas análises apresentadas não se pretende restringi-las a uma perspectiva instrumental ou pedagógica no sentido de fornecer um caminho ou proposta para o trabalho em sala de aula, nem tão pouco esgotamos a análise do texto em sua plurissignificação, considerando que selecionamos fragmentos e também que o nosso foco ou olhar esteve voltado para o espaço geográfico.

Nessa direção, guiamo-nos por Gomes (2004) ao esclarecer que quando indagamos sobre as representações do urbano na literatura, estamos lendo textos que leem a cidade e que não apenas consideramos a paisagem geográfica, mas também outras cartografias que podem envolver diversos elementos que caracterizam a cidade como espaço simbólico com possibilidades de leitura do observador, nesse contexto dos escritores e compositores. Ainda de acordo com o citado autor

indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória (GOMES, 2004, p. 1).

Nessa perspectiva, Lêdo Ivo² pode ser considerado um escritor que revela em muitos dos seus textos memória(s) da cidade de Maceió, ou a cidade da memória, carregada desde a infância com possibilidades de ser por nós atualizada.

O citado escritor fez notar em seus textos a íntima relação da natureza ou da geografia topográfica do lugar com sua toponímia, evidenciando não somente uma dimensão natural, mas também socioespacial ou sociocultural. Registrou o citado autor:

Lugar de permanência e de evasão, minha cidade surgiu dos maceiós. Por isso, ressoam em sua topografia os nomes de água: **Levada, Trapiche da Barra, Ponta da Terra, Vergel do Lago, Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Pontal da Barra, Bica da Pedra, Volta d'Água** (IVO, 2004b, p. 40).

Reafirma-se nos escritos ledianos o destaque para o elemento água como permanência nos nomes dos bairros, o que pode ser lido como identidade da cidade, mas também para seus habitantes.

Na mesma direção ou como expressão de pertencimento, referindo-se a Maceió e ao estado de Alagoas, afirma o autor, em *Confissões de um poeta*: “Quem

² Lêdo Ivo é conforme Moreira (2007, p.182) um poeta para quem “a geografia existe” com seus incontáveis textos escritos sobre cidades, tanto do seu estado e de seu país como de outros países. “Seu escopo geográfico vai da rua ao continente.” (MOREIRA, 2007, p.182).

nasce aqui, respira desde a infância um aroma de açúcar, vento, peixe e maresia, sente que o oceano próximo cola em todas as coisas e seres um transparente selo azul. [...]”.

Com efeito, o mar e o farol são mais que palavras recorrentes na poética lediana, são elementos de pertencimento ou de referência que carrega consigo em relação à sua cidade natal. Maceió é sempre referida como lugar de “nascimento”, da “infância” e da “memória” do citado escritor. Nos textos de Lêdo Ivo aparecem elementos localizantes de Maceió, mas são os contrastes abstraídos da leitura do lugar que mais se sobressaem, a exemplo do poema *Planta de Maceió*, esperado pelo leitor como um plano cartográfico, mas que após sua leitura remete mais ao sentido de vegetal que tem raízes no lugar.

Tal leitura nos permite observar uma estreita relação da paisagem, do lugar e do território ressignificadas nos textos de Lêdo Ivo.

[...] Este é meu lugar entranhado em meu sangue
como a lama no fundo da noite lacustre
e por mais que me afaste, estarei sempre aqui
e serei este vento e a luz do farol
e minha morte vive na cioba encurralada.
(Fragmentos do poema *Planta de Maceió*)

Quando deixei Maceió, fechei a porta do mar.
e enxotei os navios que insistiam em seguir-me.

[..]
mas o mar me acompanhou até nos sonhos
(Fragmentos do poema *Ladrão*)

Contudo, Santos ([1988] 2012, p.68), nos adverte acerca da percepção expressa pelo observador, nesse contexto, o escritor e a leitura que dela fazemos:

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; desse modo, a visão - pelo homem - das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação.

Outro escritor selecionado para este trabalho foi Fernando Fiúza, considerando que estabelece relação de sua poética com a representação da cidade. Em razão desta aproximação e possibilidades presentes na obra do autor foram escolhidos dois dos seus poemas.

O poema a seguir, retirado do livro *Alagoado*³ dá uma visão geográfica do lugar Maceió, sob o recorte de alguns bairros:

Maceiota

Onde Mangabeiras,
ora cimenteira, concreteira, vidraceiral;
onde Poço,
sempre um córrego podre;
onde Farol,
ora candeias furando o escuro
(como de resto o país);
onde Ponta Verde,
ora ponta pardo-fumê;
onde Jatiúca,
ora baldio balneário
emporcalhado de sobras
de pão e plástico;
onde Centro,
hoje roída franja
quarada de ambulantes;
onde mirantes,
hoje monturos
[...].
(FIÚZA, 2008.p.)

Nos versos do poema *Maceiota* o autor apresenta como referentes locacionais, nomes de diversos bairros de Maceió. Diferentemente de Lêdo Ivo, o critério não foi o elemento água, nem tão pouco os nomes de bairros antigos. O autor, possivelmente quis evidenciar as transformações ocorridas no espaço, seja em seus aspectos de construção, de valorização, de problemas gerados ao meio ambiente, mas também de permanências na mudança.

A geografia da cidade demarcada nos versos aponta para os aspectos de transformação visível na paisagem urbana, indicando-nos para “onde” a cidade cresceu, deslocando-se do centro mais antigo que perde importância como área de concentração de moradias e serviços mais especializados e sofisticados.

³ No referido livro o destaque é dado aos poemas sobre Alagoas. De acordo com Cristina Patriota (2015), o adjetivo criado para o título, “alagoado”, busca definir aqueles que nasceram ou se tornaram alagoanos, mas sem o ranço da alagoanidade.

O “onde” como elemento do conceito de lugar e território nos remete ao fenômeno do crescimento intra-urbano na capital Maceió, concentrado nos bairros da “nova” orla marítima. Com relação à paisagem esta pode ser lida não somente como expressões técnicas, mas também como resultante do movimento da sociedade a indicar, inclusive, problemas sociais e ambientais ainda não resolvidos.

Já no poema *Rio perdido*, embora Fiúza não cite o nome do Riacho Salgadinho este referente pode ser lembrado pelo leitor e habitante da capital Maceió, ainda que por aspectos contextuais, como por exemplo o lugar de fala e nascimento do escritor em questão.

Rio perdido

O rio quer voltar ao leito
o leito não existe mais
como se tudo fosse o mesmo
quer correr – é o que sabe e faz.

Onde era leito, hoje é cidade
morada das almas dos peixes
que mordem meu sono da tarde
e eu tiro um anzol dentre os dentes.

Mas o rio é apenas memória
e insiste no que já foi leito
corre por entre e sobre as coisas
pensando em barro, escama e seixo.

Soluça pra dentro, seu rio
que a vida passou, não tem jeito
(FIÚZA, apud NICÁCIO, 2016)

Por meio dos versos que falam de um rio que “não existe mais”, cujo leito “hoje é cidade” é possível associar ao riacho Salgadinho que corta muitos bairros da capital. O rio que sofreu com o processo de degradação em consequência do desenvolvimento urbano de Maceió, embora queira voltar ao leito, este não existe mais, conforme se lê nos versos do autor.

Segundo Ferrare apud Barros (2014), em 1940, foi necessário desviar o curso original do Salgadinho para o curso que ele segue atualmente, em decorrência da instalação das *Lojas Americanas*, construída exatamente no local em que se situava o curso final do rio. Afirma a citada autora que a instalação daquela loja comercial e de outras mudanças como “arroubos do progresso exigiram o aterro do leito do Riacho Salgadinho e o seu desembocar direto na Praia da Avenida, em

troca de uma faixa de solo disponível para mais construções” (FERRARE apud BARROS, 2014, p. 10).

As construções e pavimentações de ruas causaram constantes impermeabilizações ao rio, que contribuíram, sem dúvida para sua morte ou a sua poluição como querem amenizar alguns. A morte do rio, tal qual anunciada pelo poeta se insere nos processos sociais, políticos e econômicos pelo qual a cidade historicamente vai passando.

No poema *Maceió*, de autoria de Marcos Costa, as transformações ocorridas no território em suas construções, mas também modos de habitar são evidenciadas; além de o autor chamar a atenção para as decisões políticas e econômicas em articulação com a lógica do capital, o que entristece o eu lírico: são restos da infância, de paisagens que não mais existem, do acentuado processo de verticalização e expulsão do território.

De permanência, os velhos casarões de Jaraguá e as memórias de infância guardadas pelo autor como expressão de lugar. No poema o autor se refere ao lugar numa dimensão de identidade, pertencimento e afetividade, revelando uma certa tristeza diante das transformações as quais a cidade passou. Mas é em relação aos processos de urbanização, verticalização e globalização que se posiciona em uma leitura feita pelas lentes do território.

Maceió

nos velhos casarões de Jaraguá
restos da minha infância
do Gogó da Ema que não viu
o progresso dar a luz
ao inferno da Salgema
nada será como dantes
Maceió me assusta
multiplicaram-se os automóveis
e edifícios gigantes
Mudaram Maceió
Mudaram-me de Maceió

Do contraste ou tensão do par inclusão-exclusão ou do que se apreende do poema de Marcos Costa como expropriação, há uma marca do/no território quando o citado autor faz referências às apropriações de grupos e/ou sistema de objetos e ações que modificaram o seu lugar do qual vê-se expropriado. Com efeito, destaca Cavalcanti (2008, p. 53) que “o território é considerado um campo de força, de

múltiplas escalas, produzido por meio da apropriação e da ocupação de um espaço por um agente, que pode ser o Estado, uma empresa, um grupo social ou um indivíduo”.

Mediante o processo de metropolização da cidade com suas transformações socioespaciais, outras paisagens se justapõem a paisagem geográfica guardada na memória do autor e essa dinâmica de rupturas parece produzir um relativo medo, conforme lemos no poema de Marcos Costa. No poema em questão, os elementos do território estiveram interrelacionados, destacando-se o poder de um grupo que constitui um campo de forças que provocam o cotidiano, a identidade dos lugares e dos sujeitos.

Com relação as canções escolhidas consideramos com Corrêa e Rosendahl apud Meireles e Portugal (2012, p. 27) que muitas delas “possuem uma explícita referência espacial, constituindo-se em verdadeiras celebrações dos lugares”. Nesta mesma direção, Carney, afirma que o “contexto histórico, ambiental e social de um lugar, muitas vezes, fornece cenário e inspiração para determinado indivíduo ou grupo criar música” (*Ibidem*).

Nessa perspectiva, a opção pela música de modo a considerar “o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais” (TORRES; KOZEL, 2010, p. 128) constitui condição importante para possível leitura de uma espacialidade. Nesse sentido, a referência a Eliezer Setton é aqui feita não de forma restritiva ao aspecto autoria, mas ao de divulgação.

Com efeito, a cidade de Maceió serviu de inspiração para diversos compositores, a exemplo de Roberto Barbosa, que compôs a música *Ponta de lápis* e que pode ser lembrada pela sutileza com que nos revela Maceió. A música, cantada por Eliezer Setton, descreve as belezas e o encanto do mar da capital alagoana.

*Ponta de lápis, escrevo amor à vista
Viajei de mar acima
Te encontrei em Maceió
Minha Sereia, Ponta Verde, Pajuçara...
Os teus braços me embalam
Saudade de Maceió (..)*

*"M" de mar
"A" de amor
"C" de carinho, sol e mar de Maceió
"E" de eterno*

"I" de ilusão
"Ó", Maceió, você roubou meu coração!

Utilizando uma recriação textual, ou seja, um acróstico⁴, o compositor demonstrou no poema cantado, as características da Cidade de acordo com sua percepção daquele lugar.

Tais percepções foram postas na letra da música "Ponta de Lápis" como um recurso utilizado para demonstrar seu sentimento pela cidade e desta forma, conseguiu tornar a canção em um verdadeiro hino divulgado pelos que conhecem/passam por Maceió. Sobre a união da música com as expressões das características do lugar, Goulart e Antunes (2012, p. 45), defendem que a música é o elo que liga o sujeito a espaços de referência identitária. Ou seja, espaços cujas características paisagísticas e/ou culturais são tão expressivas e reconhecidas que passam a simbolizá-las, tornando-se parte integrante do imaginário coletivo.

Revelada na letra da canção, a paisagem propicia uma reflexão sobre um determinado lugar que o compositor/cantor deu destaque. Através dela é possível apontar o sentimento de pertencimento que o mesmo tem por sua Cidade e em especial, pelas belezas naturais nela presentes.

Na canção *Ruas de Maceió*, o destaque para a toponímia desta vez contextualizada aos nomes de ruas é apresentada de forma satirizada, mas também singularizada pela expressão "são coisas de Maceió". O aspecto localização é associado ao real geográfico como lugar e ao mesmo tempo ao cultural como expressão ou crítica a não preservação da história/memória da cidade.

O desconhecimento dos cidadãos e as dificuldades (im)postas aos visitantes não é simplesmente um problema de atualização, mas também de localização, de preservação e identidade do(s) lugar(es). O problema colocado desde o início da canção em relação a espacialidade, mas também como expressão de leitura/entendimento é o de que "cada rua da cidade devia ter um nome só".

Cada rua da cidade
Devia ter um nome só
Mas aqui é diferente
São coisas de Maceió

Primeiro de Março é Moreira Lima

⁴ Gênero de composição poética bem antigo, que consiste em formar palavras ou mesmo frases inteiras com as letras iniciais, intermediárias ou finais.

Parque Rodolfo Lins é praça do Pirulito
Eu tenho dito a muita gente boa
Que a Rua do Sol também se chama João Pessoa*

Rua da Alegria é Joaquim Távora
Rua do Sopapo é Miguel Omena
Tem gente que tem pena, mas acha correto
A rua Augusta ter o nome de Ladislau Neto

Avenida da Paz é Duque de Caxias
Silvestre Péricles e Rua Formosa
Parece prosa e já é demais
A rua do Apolo ser Melo Morais

Rua do Livramento é Senador Mendonça
Barão de Penedo é a rua nova
Taí a prova veja como é
Tibúrcio Valeriano é o Beco São José

Na canção que se segue, Setton destaca o elemento água, voltando-se para as lagoas e aspectos de sua topografia e paisagens, mas também se pronuncia como da terra dos marechais, possivelmente remetendo-se a história, mas também como representação do lugar.

Eu sou da terra onde há lagoas,
Da terra onde há marechais,
De tantos risos, de tantas loas,
Tantas ilhas, tantas crôas
À sombra dos coqueirais
[...]
Não há quem não morra de amores pelo meu lugar

Com efeito, Eliezer Setton, através de suas canções, representa Maceió de forma a valorizar suas diversidades culturais ao tempo que parece aguçar em quem as escutam, o interesse em conhecer a cidade litorânea e lacustre. Sua sintonia com a cidade é explícita em cada verso das canções, como por exemplo em “Não há quem não morra de amores”.

A cidade de Maceió, comum aos poemas, foi revelada de forma estética e sensível, tanto em seus aspectos físicos como humanos: lagoas, praias, bairros, ruas, praças, edificações, costumes, etc. Conforme Lins (2003), “O prosador/poeta mantém com seu espaço ficcional uma relação íntima, um elo sentimental. seria uma relação topofilíaca. Essa relação se faz presente na poesia dos que cantam que cantam a cidade. A cidade real, a cidade de suas lembranças, a cidade de seus sonhos.”

Sob este aspecto, o geógrafo YU-FU Tuan (1980) apud Lins (2003), traz a partir de seus estudos o conceito de topofilia, elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Neste sentido, Lins aponta a aplicabilidade deste conceito ao poeta, quando o mesmo descreve seu espaço a partir de suas lembranças, sua herança afetiva. Sendo assim, pode-se afirmar que cada poeta descreve o espaço a partir de uma experiência singular, retratando, segundo Lins (2003), a sua realidade numa linguagem ora subjetiva, ora objetiva, ora metafórica, ora real.

Da perspectiva da leitura do espaço geográfico e por meio da leitura dos textos aqui apresentados, evidenciam-se traços físicos, históricos, políticos, culturais da cidade de Maceió. Embora, seja necessário destacar que em conformidade com o corpus de análise aqui recortado, mas também no espaço geográfico convivem e/ou coexistem em cada realidade geográfica uma dimensão real e outra percebida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] A literatura é uma geografia mais humana.
(TISSIER, 1991 p. 237).

Neste trabalho, estabelecemos um diálogo entre o espaço geográfico e o literário, considerando o conceito de representação como percepções sobre a cidade vivida, observada, problematizada, via experiências poéticas; o que possibilitou apresentar geografias da cidade de Maceió apreendidas de duas linguagens ou formas de expressão: os poemas e canções.

Das representações lidas da materialidade empírica - poemas e canções, correlacionamos às categorias geográficas de análise da espacialidade: paisagem, lugar e território. Portanto, consideramos, neste trabalho a possibilidade de realizar via textos, uma leitura dos espaços, dos lugares, das paisagens e territorialidades da cidade de Maceió.

Por meio da realização deste trabalho, reafirma-se que discutir as diferentes formas de representações da cidade através de canções e poemas possibilita a compreensão das relações socioespaciais de modo sensível e significativo, visto que estas linguagens poéticas propiciam uma integração entre a realidade objetiva e o imaginário de modo a provocar pertencimentos, além de favorecer a construção de conhecimentos geográficos.

Nessa perspectiva, destacamos, no contexto da paisagem, a predominância da representação de Maceió associada às “águas” com destaque para o elemento mar; ou da dimensão da natureza conjugada a sociedade ou dela dependente, inclusive no que se refere à gestão da cidade.

Contudo, nos poemas parece desvelar-se uma necessidade de um olhar para os problemas socioambientais ou socioespaciais produzidos em tempos pretéritos com rebatimentos no presente ou mesmo para o futuro de uma cidade aterrada, com construções em muitas encostas e muitas desigualdades que requerem propostas ou políticas por parte do poder público; além de um olhar geográfico, entendido como aquele que indaga para além das paisagens.

Portanto, apreende-se como marcas das geografias de Maceió, ainda que de forma mais implícita que as desigualdades socioespaciais são marcantes ou marcadas por processos de segregação, percebida como concentração de classes e grupos sociais em determinados bairros, mas também concentração de serviços, equipamentos públicos e atuação do Estado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, L. B.; Goulart, L. B. Entre textos, imagens e canções a Cidade da Bahia e suas geografias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Org.). **Cartografia, Cinema, Literatura e outras Linguagens no Ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012, v. 01, p. 41-50.

BARROS, C. R. A., DOS SANTOS, C. G. A produção territorial de Maceió documentada: reflexões sobre intervenções de embelezamento no riacho Maceió e seus rebatimentos no espaço urbano. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva São Paulo**, 2014. p.1-15.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Débora de Barros. **Lutando por um lugar na cidade de Maceió, Brasil**. 2017. Disponível em:<file:///C:/Users/Edna/Downloads/28310-97615-2-PB.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018

COSTA, J. A.; RAMOS, V. A. Organização do espaço geográfico do Estado de Alagoas. In: **Geografia: espaço, tempo e planejamento**. Lindemberg Medeiros de Araújo (Org). Maceió. Adufal, 2004. p 191-206.

TORRES, M. A.; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia: o Espaço Geográfico em Análise, v. 20, p. 123-132, 2010.

FIÚZA, Fernando. **Alagoado**. Belo Horizonte: Sografe, 2008.

GOMES, R. C. Um jogo de analogias, a cidade ou tentativas de escrever sutilezas. **Revista Cátedra**. Pós-Graduação em Letras-PUC-Rio de Janeiro, jan./jul. 2004a.

_____. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. **Revista Cátedra**. Pós-Graduação em Letras-PUC-Rio de Janeiro, jan./jul. 2004b

IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004b.

IVO, Lêdo. **Poesia completa – 1940-2004**. Rio de Janeiro:Topbooks/Braskem, 2004b

KITAOKA, D. G.; ZORZO, F. A. A cidade do Salvador percebida na poesia de Caetano Veloso. In: **III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012, Cachoeira. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012**. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/395409848/A-Cidade-Do-Salvador-Percebida-Na-Poesia-de-Caetano-Veloso1>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

LINS, J. N. **A geografia e a literatura: uma leitura interdisciplinar do Recife através da poesia de Manoel Bandeira, Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto**. 2003. 108 f. Tese (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística - PPGLL, Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE. Disponível em: <

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7934/1/arquivo8175_1.pdf> Acesso em: 17 fev. 2019.

MANZONI, Filipe Bitencourt. **Quatro poetas, quatro cidades: Adriano Espínola, Arnaldo Antunes, Caio Meira e Nicolas Behr**, 2014. 117 f. Tese (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras (letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/3-mestrado/dissertacoes/2014/10-ManzoniFB.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019

MELO, J. C. et all. Urbanização Turística na Cidade de Maceió - Alagoas. In: III Seminário Regional - Comércio, Consumo e Cultura nas Cidades, 2017, Sobral - Ceará. **Anais do III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas**

Cidades, 2017. Disponível em: <<http://iisrccc.srccc.com.br/rs-content/files/NKPQBFHDIEOM109.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

MEIRELES, M. M.; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções a Cidade da Bahia e suas geografias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Org.). **Cartografia, Cinema, Literatura e outras Linguagens no Ensino de Geografia**. 01 Ed. Curitiba: CRV, 2012, v. 01, p. 19-40.

NICÁCIO, Priscila Tenório Santana. (Dis)curso de um soneto impuro: memória e cidade no poema “Rio perdido”, de Fernando Fiúza. **Revista Leitura**, V.2 nº 57 – Poesia e História, UFAL- Maceió, jul/dez 2016 – p. 107 - 123. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/2848/3141>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

OLIVEIRA, Maria do Rosário. **Itinerário geo-histórico das paisagens e dos lugares de Maceió**. In: **Geografia: espaço, tempo e planejamento**. Org: ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de Maceió: EDUFAL, 2004.

PATRIOTA, Cristina. **Poesia Alagoana: Fernando Fiúza**. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/alagoas/fernando_fiuza.html> Acesso em: 1 fev. 2019.

SANTOS, Wladimir Saldanha dos. **Exato Oceano: A escrita de Lêdo Ivo, da geração de 45 á metapoética da água**. 2014. 322 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/sites/ppglitcult.lettras.ufba.br/files/WLADIMIR%20SALDANHA%20DOS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6. Ed. 1. Reimp. São Paulo: EDUSP, [1988] 2012.

SANCHES, Carolina; FARIAS, Michelle. **De cidade provinciana a destino turístico, Maceió completa 200 anos**: Com um milhão de habitantes, capital concentra 1/3 da população de AL. Apesar de desigualdade, cidade possui os melhores resultados no PIB.. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2015/12/de-cidade-provinciana-destino-turistico-maceio-completa-200-anos.html>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SILVA, Márcio Ferreira. **A geografia literária de Lêdo Ivo: a cidade nos romances *As alianças e Ninho de cobras***. 2007. 125 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística - PPGLL, Universidade Federal

de Alagoas, Maceió, 2017. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/525>> Acesso em: 17 fev. 2019.